



# A noite de Bucareste, a noite de França

Os primeiros dias da secção competitiva do Lisbon & Estoril Film Festival trazem-nos dois óptimos filmes: *Quando a Noite Cai em Bucareste* ou *Metabolismo*, de Corneliu Porumboiu e *Tip Top*, de Serge Bozon

## Festival de cinema Luís Miguel Oliveira

A primeira cena de *Quando a Noite Cai em Bucareste* ou *Metabolismo* praticamente justifica o título do novo filme de Corneliu Porumboiu. Um longuíssimo plano a bordo de um automóvel pela Bucareste nocturna, sustentado pelo diálogo entre o condutor e a passageira. O condutor é um realizador de cinema, a passageira é a actriz do filme que ele prepara, e conversam sobre a cena complicada que têm que ensaiar no dia seguinte, uma cena de nu.

O realizador perde-se em devaneios teóricos que parecem referir-se às características do plano em que Porumboiu os filma. Disserta sobre os “planos longos”, e sobre os limites que a película impunha à duração de um plano (sensivelmente 11 minutos, capacidade máxima de um *magasin* de 35mm) e que deixam de existir com o vídeo digital, que permite a cada plano uma duração potencialmente ilimitada. E diz o realizador protagonista que não consegue deixar de pensar na duração imposta pela película, porque ela, condicionando-lhe o tempo, lhe impõe também um princípio de estrutura dentro da qual trabalhar. Portanto, a “noite em Bucareste” traz logo também a questão do “metabolismo”, do metabolismo de um filme e da sua estrutura.

Que podia ser exactamente o metabolismo do filme de Porumboiu, que tem pouquíssimos planos (não mais de 17) mas quase todos bastante longos (mas não mais de 11 minutos cada um), numa espécie de fetichismo super-autoconsciente. Mas, e é aqui que as coisas ficam crivadas de ironia, não é preciso levar muito a sério tudo o que a personagem do realizador diz. Está interessado no filme, mas está ainda mais interessado em “conquistar” a sua actriz: toda a sua lengalenga sobre “teoria do cinema” não é mais, no fundo, do que conversa de engate. E esta tensão – entre a auto-reflexão sobre o “metabolismo” cinematográfico e a ironia no retrato humano das suas personagens – alimenta de uma ponta à outra o filme de Corneliu Porumboiu, ao mesmo tempo interessado em apresentar uma espécie de “verdade”, mui-



Serge Bozon é um dos realizadores mais singulares do actual panorama francês

to material, sobre o cinema, e em sabotá-la mostrando-a como uma espécie de fraude, naquele velho sentido godardiano que postulava que o cinema era “a mais bela vigarice” de todas.

Porumboiu, que os espectadores portugueses conhecem de um filme sobre a revolução romena de 1989, *12.08 a Este de Bucareste* (e de *Polícia, Adjectivo*, que não estreou comercialmente mas foi exibido no Leffest), afirma-se aqui como o mais refinadamente perverso cineasta oriundo da “nova vaga romena”, a par com Cristi Puiu.

### Falso policial

Se Porumboiu diz alguma coisa aos espectadores portugueses, o nome do francês Serge Bozon dirá menos, porque nenhum dos seus filmes teve estreia comercial em Portugal.

Alguns conhecerão *Mods* e *La France*, os seus filmes imediatamente anteriores ao *Tip Top* que o Leffest exibirá, de projecções em festivais ou na Cinemateca.

É um dos realizadores mais singulares do actual panorama francês, e escapa a qualquer categorização fácil. Como *Tip Top*, de resto: adap-

**Porumboiu afirma-se aqui como o mais refinadamente perverso cineasta oriundo da “nova vaga romena”**

tado de um romance policial do escritor galês Bill James, é um “falso policial”, tanto quanto é uma “falsa comédia” ou mesmo um “falso melodrama”, sendo certo que tem elementos, “verdadeiros”, de todos estes géneros.

Parece ser, sobretudo, uma forma particularmente imbricada, e alusiva, de falar sobre a França contemporânea, e em especial sobre a questão da imigração, mais concretamente ainda sobre a imigração argelina. Que está sempre em fundo (por exemplo na TV: imagens de tumultos em Argel), e disseminada pela narrativa, onde abundam as personagens de origem argelina.

No centro, de resto, está o assassinio misterioso de um argelino, informador policial. Para o investigar, aparecem Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain, quase burlesca

dupla de agentes dos “serviços internos” da polícia francesa, variação impagável sobre o tradicional modelo narrativo da dupla de polícias. A investigação é tão importante como a descrição da psicologia e dos costumes (sodomaso, uma, *voyeuse*, a outra) das duas polícias, numa espécie de permanente desequilíbrio (ou será, pelo contrário, “equilíbrio”) entre as suas funções profissionais e os seus perfis pessoais – de uma forma ou de outra, trata-se sempre de “violência” e de “vigilância”.

Ao mesmo tempo muito grave e muito divertido, muito “naturalista” e muito estilizado (a fotografia, de uma iluminação quase kaurismakiana), certamente, com o de Porumboiu, um dos melhores e mais surpreendentes filmes incluídos na competição do Leffest.



## A oferta do festival dirigido por Paulo Branco em apenas dez dias impossibilita conseguir "ir a todas"

# O embaraço da escolha para o cinéfilo empedernido

Jorge Mourinha

Com a sétima edição do Lisbon & Estoril Film Festival (LEFFEST) a arrancar hoje em força, chega ao fim a temporada 2013 de festivais de cinema em Portugal.

À imagem dos certames que ficaram para trás, o LEFFEST 2013 prolonga a vontade patente em praticamente todos os eventos do ano de cobrir todas as bases possíveis e imagináveis em termos de público. Propondo múltiplos ciclos temáticos, retrospectivas e homenagens (que mereceriam cada um só por si uma cobertura alargada) a par da programação mais mediática de antestreias de prestígio, a oferta do festival dirigido por Paulo Branco em apenas dez dias impossibilita conseguir "ir a todas". Isto apesar de algumas das suas propostas serem autênticos "ciclos de cinemateca" que deixam água na boca aos cinéfilos mais empedernidos.

É, por exemplo, o caso do ciclo designado por *Rupturas*, reunindo dez obras "radicais" do cinema mundial da década de 1970 que raramente vemos em sala e dificilmente encontramos em DVD. Entre elas estão dois clássicos do cinema da Europa

de Leste – *Daisies*, da checa Vera Chytilova, e *Walkover*, do polaco Jerzy Skolimowski –, um dos filmes da fase activista do japonês Nagisa Oshima (*Noite e Nevoeiro no Japão*), ou *A Tomada do Poder por Luís XIV*, um dos austeros filmes biográficos que o mestre neo-realista Roberto Rossellini ensaiou para televisão a partir da década de 1960.

Outro dos ciclos paralelos, Cinema e Literatura, coloca em contraste as várias adaptações de um mesmo romance clássico: as versões da *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, por Jean Renoir, Claude Chabrol, Vincente Minnelli e Manoel de Oliveira; as adaptações de volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, por Chantal Akerman (*A Cativa*), Raul Ruiz (*O Tempo Reencontrado*) ou Volker Schlöndorff (*A Paixão de Swann*); ou as peças de Shakespeare filmadas por Orson Welles.

Haverá ainda retrospectivas da obra do cineasta francês Arnaud Desplechin (autor de *Reis e Rainha* e *Um Conto de Natal*) e do mestre de Hong Kong Wong Kar-wai (ele de *Disponível para Amar*), ligados às próximas estreias dos seus mais recentes trabalhos, respectivamente *Jimmy P.* e *O Grande Mestre*, e do trabalho

no cinema (enquanto realizador ou documentarista) do encenador Jorge Silva Melo; e projecções específicas ligadas a alguns dos convidados, como a raríssima biografia do comediante Lenny Bruce dirigida por Bob Fosse, *Lenny*, sugerida pela presença entre nós do escritor Don de Lillo.

Um outro circuito paralelo passa pela exibição em sala de séries televisivas dirigidas por cineastas aclamados. À cabeça está *Top of the Lake*, minissérie em sete episódios criados e parcialmente dirigidos por Jane Campion (*O Piano*) em co-produção anglo-australiana com Elisabeth Moss, Holly Hunter e Peter Mullan. Mas propõem-se ainda a polémica série histórica "revisionista" de Oliver Stone, *The Untold History of the United States*, ou o regresso de Edgar Reitz à história da Alemanha com *Die andere Heimat*, quatro horas que servem de "prólogo" à sua lendária série de 60 episódios sobre o século XX alemão.

Vale a pena deitar um olhar aos cantos da casa, mesmo que seja só para perceber tudo aquilo que não se vai conseguir acompanhar.

O programa completo do LEFFEST pode ser consultado no site oficial em [www.leffest.com/pt](http://www.leffest.com/pt).



## Temporário 12 ou como evitar os lugares-comuns com elegância na competição

A primeira "leva" de filmes da competição oficial do LEFFEST é igualmente aquela que apresenta a maior concentração de filmes que estão adquiridos para estreia em Portugal. Ainda bem, pois alguns merecem mais do que a passagem fugaz num concurso inevitavelmente menos mediático do que aquilo que o rodeia.

O caso mais notável é *Short Term 12/Temporário 12*, segunda longa-metragem do americano Destin Daniel Cretton (Centro de Congressos do Estoril, CCE, terça, 12, às 15h; Monumental, terça, 12, às 21h30 e sexta, 15, às 14h30). É o exemplo perfeito do filme que transcende a aparente banalidade da sua sinopse para nos apanhar à socapa e deixar de rastros trabalhando apenas com as convenções narrativas, dramáticas e formais do filme indie americano. Ambientado num centro de acolhimento para adolescentes com problemas, visto pelos olhos de uma supervisora que parece tão à toa como os miúdos que acompanha, *Temporário 12* anda à roda dos lugares-comuns do melodrama juvenil mas sabe sempre onde eles estão e como lhes fugir com elegância e determinação. E fica a sensação de que este filme pode fazer pela sua atriz principal, Brie Larson, o que Half Nelson fez por *Ryan Gosling*: lançá-la para a "primeira divisão". Seria mais do que merecido.

Não muito atrás está o mais recente filme do canadiano Denis Côté, *Vic e Flo Viram Um Urso* (Monumental, terça, 12, às 20h e domingo, 17, às 22h; CCE, quarta, 13, às 15h). A história de duas ex-presidiárias bissexuais nos confins do Quebec rural é uma espécie de "gótico canadiano", simultaneamente comentário lúdico e homenagem sincera (mesmo que virada do avesso) ao cinema de género, que passa num piscar de olhos de exercício excêntrico a meditação comovente sobre mudar de vida.

## É o exemplo perfeito do filme que nos deixa de rastros

*Vic e Flo Viram Um Urso* vem da competição de Berlim 2013, onde também esteve o cazaque Emir Baigazin com *Harmony Lessons* (Monumental, domingo, 10, às 19h30 e quinta, 14, às 14h15; CCE, segunda, 11, às 17h30). É um olhar oblíquo e surreal, cruel e não raras vezes desconfortável, para o *bullying* adolescente, seguindo a experiência de um miúdo ostracizado num liceu rural do Cazaquistão. Filme de um virtuosismo formal notável para um estreante, *Harmony Lessons* está sempre à beira de se esgotar nesse rigor estético, mas revela um cineasta que sabe o que quer. **J.M.**



*Top of the Lake*, minissérie de Jane Campion